



ORIENTAÇÕES PARA PROFESSORES EM RELAÇÃO AOS ESTUDANTES COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECÍFICAS.



SOBRE O NAPNE

O Napne foi criado pelo Instituto Federal do Amapá (Ifap) como parte integrante da Ação TEC NEP – Educação, Tecnologia e Profissionalização para Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas, lançada em julho de 2011 na Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (Setec/MEC).


Os Napnes do Ifap foram implantados durante o 1º Encontro de Educação Inclusiva pela Portaria nº 114, de 17 de fevereiro de 2011, sendo um no campus Macapá e o outro no campus Laranjal do Jari.

Os Napnes em cada instituição articulam a comunidade, instituições e os estudantes com necessidades educacionais específicas para implementar nos Institutos Federais parâmetros para a educação numa perspectiva inclusiva e fundamentada nos direitos humanos.

Assim, os Napnes têm a missão de desenvolver a educação para a convivência, estimular a aceitação da diversidade e, principalmente, buscar a quebra das barreiras arquitetônicas, educacionais e atitudinais.

PRINCÍPIOS DO NAPNE

- A não discriminação
- A plena e efetiva participação e inclusão na sociedade
- Respeito pela diversidade
- Igualdade de oportunidades
- Acessibilidade para todos
- Respeito pelo desenvolvimento das capacidades individuais



Esta cartilha foi elaborada pelo Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (Napne) do campus Macapá e traz orientações aos professores sobre adaptações e recomendações de atividades pedagógicas relativas aos estudantes com necessidades educacionais específicas. As orientações envolvem os seguintes temas: deficiência auditiva, intelectual, física, visual e múltipla; transtorno do espectro autista (TEA), altas habilidades/superdotação

“Lutar pela igualdade sempre que as diferenças nos discriminem; lutar pelas diferenças sempre que a igualdade nos descaracterize.”

Boaventura Souza Santos

ESTRATÉGIAS DE SALA DE AULA

Quando recebemos um estudante com necessidades educacionais específicas, somos estimulados a rever nossa prática e a buscar outras formas de ensinar. Podemos citar algumas alternativas que podem ser úteis ao professor como:

- **Aprendizagem cooperativa:** a cooperação em sala de aula entre os colegas pode ser um fator importante para a inclusão das pessoas com deficiência, pois permite interação e troca entre os estudantes.
- **Adaptações do conteúdo programático:** são selecionados os conteúdos de acordo com critérios de funcionalidade.
- **Adaptações dos objetivos:** conforme o conteúdo selecionado o objetivo também será adaptado para a necessidade específica do estudante.
- **Adaptações metodológicas:** seleção de métodos que permitam o favorecimento da aprendizagem para todos. Exemplo: a utilização de um caderno de atividades, onde o professor (a) colocará as atividades suplementares adaptadas, eliminando atividades que restrinjam o estudante na participação ativa e real.
- **Adaptação da avaliação:** utilizar instrumentos que considerem os valores qualitativos e quantitativos de ensino aprendizagem dos estudantes. O estudante pode solicitar uma (1) hora adicional na prova, de acordo com os Decretos nº 3.298/99 e 5296/04.
- **A organização do tempo:** é feita considerando os serviços de apoio ao estudante e o respeito ao ritmo próprio de aprendizagem e desempenho de cada um, nas atividades e avaliações.

Observação

Todas as etapas acima e a decisão sobre a retenção do estudante deverão ser feitas em conjunto com os professores do ensino regular, do Atendimento Educacional Especializado (AEE), supervisão e coordenação pedagógica.

SUGESTÕES SOBRE COMO PROCEDER COM ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIAS DIVERSAS

- Dê preferência - coloque o estudante em carteira próxima a você. Tanto durante as aulas regulares, quanto numa atividade avaliativa.
- Utilize as mesmas atividades que oferece para os outros estudantes, porém, quando necessário, adaptadas. Exemplo: contextualizar ou concretizar as questões, as figuras e letras aos números, entre outros.
- Oriente os responsáveis do estudante a ajudá-lo nas atividades extraclases (não fazer), a fim de dar prosseguimento do trabalho educativo em casa.



1. DEFICIÊNCIA INTELECTUAL - DI

Essa deficiência é caracterizada por limitações significativas no funcionamento intelectual, associado a limitações adaptativas em pelo menos duas entre as diferentes áreas de habilidades - comunicação, autocuidado, vida no lar, adaptação social, saúde e segurança, uso de recursos da comunidade, determinação, funções acadêmicas, lazer e trabalho - que ocorrem antes dos 18 anos.

A deficiência intelectual sendo uma limitação na área do funcionamento humano tem como características fatores que tornam seu desenvolvimento cognitivo comprometido.

- Funcionamento intelectual inferior a média
- Processo de informações e aprendizado ocorre de modo lento
- Dificuldades no processo de memória devido as causas de natureza estrutural como a ausência de utilização de estratégias cognitivas de reagrupamento ou repetição interna que dificulta o processamento da memória em curto prazo
- Entraves na comunicação e interação
- Baixa capacidade de atenção

Lembre-se sempre: deficiência intelectual não deve ser confundida com doença mental.

Dica

A vida da pessoa com deficiência intelectual melhora quando se coloca à sua disposição o apoio apropriado de que ela necessita pelo período de tempo suficiente.






COMO LIDAR COM OS ESTUDANTES QUE APRESENTAM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

Estudantes com DI levam mais tempo para aprender, porém podem adquirir muitas habilidades intelectuais e sociais.

- Não subestime a inteligência do estudante com deficiência intelectual
- Considere e encoraje as perguntas e a expressão de suas opiniões
- Não superproteja, deixe-o fazer ou tentar realizar as atividades sozinho. Ajude apenas quando for realmente necessário
- Valorize mais o processo do que o resultado. Mas não ignore os resultados, que também devem ser esperados e cobrados do estudante
- Promova atividades estimulantes e diversificadas
- Aja naturalmente
- Diga palavras amáveis
- Trate-o com respeito e consideração

Observação

As dificuldades existem, mas também existem infinitas possibilidades para quem possui deficiência intelectual.



2. DEFICIÊNCIA VISUAL - DV

2.1 - BAIXA VISÃO

O estudante com baixa visão apresenta uma perda visual severa, que não pode ser corrigida através de tratamento clínico ou cirúrgico, nem com o uso de óculos convencionais. Entretanto, mantém um resíduo visual que é individual e sua capacidade de usá-lo não depende somente da acuidade ou da patologia. Esse resíduo compreende uma extensa gama de possibilidades, variando de pessoa para pessoa, e seu uso pode estar restrito desde algumas atividades da vida diária até a utilização da leitura e escrita em tinta, com recursos especializados (ópticos, não ópticos e eletrônicos).

Recomenda-se:

- Lápis 6b ou com grafite escuro
- Hidrocor ou caneta esferográfica preta
- Papel branco com pautas ampliadas e/ou reforçadas em preto
- Textos ampliados manualmente ou em computador
- Gravuras simples, com poucos detalhes, contrastes intensos, cores vivas e contornos bem definidos
- Máximo de contraste: preto sobre branco ou branco sobre preto (no papel, no quadro branco e nos slides)
- Tiposcópio para leitura (serve como guia de linha e destaca o texto)
- Iluminação, preferencialmente, natural
- Luminária com garras ou de pé, com haste flexível e lâmpadas fluorescentes ou incandescentes
- Suporte inclinado para material de leitura e escrita.






Observações

- *Evite papéis brilhosos para leitura*
- *Permita que o estudante se sente próximo ao quadro branco*
- *Utilize recursos ópticos, quando necessário*

Sugestões para adaptação de textos didáticos para estudantes com baixa visão


- Formatação dos caracteres do texto – corpo 20 em negrito
 - Número de caracteres por linha - é recomendável o máximo de 39 caracteres por linha (Natalie Barraga, 1985)
 - Entrelinhas - espaço e meio (1,5) entre as linhas para tornar a leitura mais eficiente
 - Espaço entre as palavras e letras – padrão
 - Cor do papel e da tinta - o papel branco, marfim ou gelo sem brilho e tinta preta proporcionam maior contraste
 - Capacidade do papel - suficiente para evitar sombreamento pelo seu verso ou gramatura mínima de 90g (FNDE/SEESP, 1998)
- 

2.2 - CEGUEIRA

A pessoa cega não vive num mundo escuro e sombrio. Ela percebe coisas e ambientes e adquire informações através do tato, da audição, do paladar, do olfato, dos sentidos sinestésicos e dos sentidos vestibulares.

Orientações

- Utilize materiais com diferentes texturas na elaboração de material didático, estimulando todos os sentidos do estudante cego, através de diferentes atividades
- Indique a distância dos objetos e coisas em metros, quando houver necessidade. Pode dizer, por exemplo, “a estante está a uns dois metros à sua frente”.
- Ao orientar o estudante cego que direções seguir, o faça do modo mais claro possível
- Diga “à direita”, “à esquerda”, “acima”, “abaixo”, “para frente” ou “para trás”, de acordo com o caminho que o estudante necessite percorrer.
- Nunca use termos indefinidos espacialmente, como “ali” ou “lá”
- Fale sempre diretamente ao estudante cego e nunca por intermédio de colegas ou acompanhante. A pessoa cega pode ouvir tão bem ou melhor que você.
- Não evite as palavras “veja”, “olhe” e “cego”. Use-as sem receio. Todas as pessoas cegas às utilizam no seu cotidiano.
- Nunca exclua o estudante cego de participar plenamente das atividades de campo e sociais, nem procure minimizar tal participação. A cegueira não se constitui em problema para tais atividades. Permita que o estudante decida como participar.

- 
- Proporcione ao estudante cego a chance de ter sucesso ou de falhar, tal como outra pessoa que tem visão.
 - Busque estratégias diferenciadas para o trabalho com seus estudantes, viabilizando a imaginação, a criatividade e outros canais de percepção e expressão (tátil, auditiva, olfativa, degustativa), além da reflexão, da manipulação e exploração dos objetos de conhecimento.
 - Possibilite diferentes instrumentos de avaliação, tais como prova em Braille, prova oral, apresentação de seminários e portfólios.
 - Promova atividades colaborativas entre os estudantes, tais como as que podem ser desenvolvidas em dupla, que possibilitam ao estudante cego ter, em seu colega, um escriba e leitor.
 - Verbalize todos os procedimentos desenvolvidos, transmitindo com clareza os conteúdos de forma fácil e audível.
 - Desenvolva, sistematicamente, a percepção tátil dos estudantes com cegueira, pois é essencial para que os cegos cheguem a desenvolver a capacidade de organizar, transferir e abstrair conceitos.
 - Nas aulas práticas utilize a descrição do experimento realizado e, quando possível, possibilite a exploração tátil e olfativa do material utilizado, desde que não ofereça riscos à segurança do estudante.
 - Quando utilizar vídeos e/ou documentários, possibilite a audiodescrição feita pelos pares do estudante cego.

Observação

Compreenda que o excesso de ruídos na sala provoca incômodo ao estudante cego, pois o mesmo se utiliza muito da via auditiva para a apreensão do contexto.

3. DEFICIÊNCIA FÍSICA - DF

Essa deficiência representa alteração completa ou parcial dos membros superiores (braços) e/ou inferiores (pernas), acarretando o comprometimento da função física. Os estudantes não apresentam deficiências intelectuais e podem aprender através dos mesmos métodos empregados com os que não são deficientes. Portanto, métodos especiais de ensino só são necessários para os estudantes cujas deficiências físicas sejam complicadas por dificuldades de aprendizagem resultantes de lesões neurológicas.

É importante!

- A remoção de carteiras, de forma a possibilitar a passagem de cadeira de rodas, ou facilitar a locomoção de estudantes com muletas
- Sempre manter as muletas ou bengalas próximas ao estudante com deficiência.

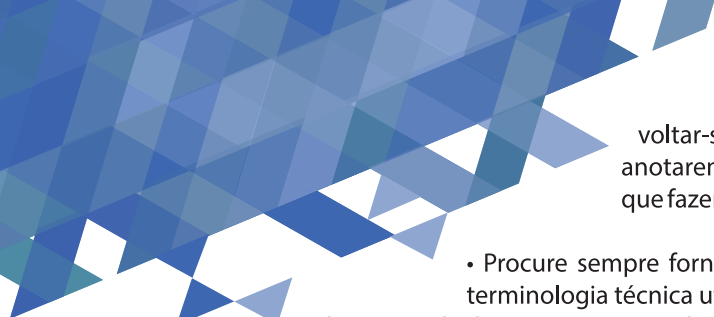
4. DEFICIÊNCIA AUDITIVA - DA

Entende-se por deficiência auditiva a incapacidade total ou parcial da audição, ou seja, a diminuição da capacidade de percepção normal dos sons, sendo considerado deficiente auditivo total aquele cuja audição não é funcional na vida comum (surdo) e parcialmente deficiente auditivo aquele cuja audição ainda é funcional fazendo ou não uso de prótese auditiva (hipoacústico). Classifica-se um indivíduo parcialmente deficiente quando ele apresenta surdez leve ou moderada. Classifica-se um indivíduo deficiente auditivo total quando ele apresenta surdez severa ou surdez profunda.

Orientações para ensinar um estudante surdo

- Desenvolva o processo de aprendizagem com o estudante surdo adotando a mesma proposta curricular do ensino regular, com adaptações que possibilitem o acesso ao conteúdo
- Os estudantes com deficiência auditiva devem ficar sempre na primeira fila na sala de aula. Dependendo da condição socioeconômica da família e do tipo de surdez, o estudante pode utilizar um recurso acústico (aparelho auditivo e/ou sistema FM) para amplificar o som da sala.





- Há estudantes que conseguem ler os movimentos dos lábios e por isso o professor e os colegas devem falar o mais claramente possível, evitando voltar-se de costas enquanto fala. É extremamente difícil para estes estudantes anotarem nas aulas, durante a exposição oral da matéria, principalmente aqueles que fazem leitura labial enquanto o professor fala

- Procure sempre fornecer uma cópia dos textos com antecedência, assim como uma lista da terminologia técnica utilizada na disciplina, para o estudante tomar conhecimento das palavras e do conteúdo da aula a ser lecionada

- Pode-se também justificar a utilização de um intérprete que use a língua brasileira de sinais
- Evite estar em frente à janela ou outras fontes de luz, pois o reflexo pode obstruir a visão
- Quando falar, não ponha a mão na frente da boca
- Quando utilizar o quadro ou outros materiais de apoio audiovisual, primeiro exponha os materiais e só depois explique ou vice-versa (ex: escreva o exercício no quadro ou no caderno e explique depois e não simultaneamente)
- Repita as questões ou comentários durante as discussões ou conversas e indique (por gestos) quem está a falar, para uma melhor compreensão por parte do estudante
- Escreva no quadro ou no caderno do estudante datas e informações importantes, para assegurar que foram entendidas.

Dica

Você sabia que é errado dizer “surdo-mudo”? Algumas pessoas surdas não falam porque não aprenderam a falar. Elas não são mudas, porque podem emitir sons. A pessoa muda é aquela que não consegue emitir nenhum som. As pessoas surdas podem se comunicar de várias formas e uma delas é através da língua de sinais, que funciona como uma linguagem gestual.

5. DEFICIÊNCIA MÚLTIPLA — DMU

Deficiência Múltipla (DMU), segundo a Política Nacional de Educação Especial (MEC, 1994), é definida como associação, no mesmo indivíduo, de duas ou mais deficiências primárias (intelectual/visual/auditiva/física), com comprometimentos que acarretam atrasos no desenvolvimento global e na capacidade adaptativa. Este conceito de deficiência múltipla é referendado pelo Decreto Nº 3.298/99 que define a categoria como “associação de duas ou mais deficiências”. Por exemplo, uma criança que apresenta uma dupla deficiência sensorial-auditiva e visual (surdocegueira).

Orientações

- Promova o atendimento especializado quando necessário
- Estimule e apoie a aquisição de habilidades adaptativas que contribuem para a independência e autonomia
- Disponha de equipamentos e materiais para atender às necessidades especiais tais como: próteses auditivas, bengalas longas, lupas, cadeiras adaptadas, dentre outros
- Encoraje e ajude nas realizações de tarefas escolares
- Realize modificações no ambiente escolar e nos procedimentos diários didáticos pedagógicos que propiciem a aprendizagem dos conteúdos curriculares
- Adote no ambiente escolar o uso da Comunicação Aumentativa Alternativa (CAA) para os estudantes que necessitam expressar seus sentimentos e pensamentos por meio de símbolos e códigos.



6. TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA - TEA

A partir do DSM-V (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, 5ª edição) existe apenas um diagnóstico, chamado de transtornos do espectro autista, que engloba o que as antes eram consideradas quatro doenças diferentes: autismo, síndrome de Asperger, transtorno desintegrativo da infância (ou síndrome de Heller) e transtorno invasivo do desenvolvimento sem outra especificação.

O TEA está dividido nos níveis leve, moderado e severo. A principal área prejudicada é a da habilidade social. A dificuldade de interpretar os sinais sociais e as intenções dos outros impede que as pessoas com autismo percebam corretamente algumas situações no ambiente em que vivem.

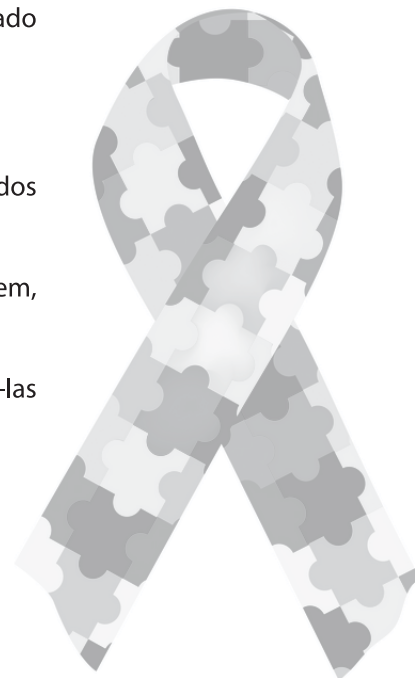
A segunda área comprometida é a da comunicação verbal e não verbal. A terceira é a das inadequações comportamentais.

Crianças com autismo apresentam repertório de interesses restritos e repetitivos (como se interessar somente por carros, trens, jogos, etc), têm dificuldade de lidar com o inesperado e demonstram pouca flexibilidade para mudar rotinas.



Orientações

- Procure manter contato visual com a pessoa que apresenta Síndrome de Asperger.
- Quando falar utilize uma linguagem simples
- Elogie sempre que o estudante realizar uma atividade
- Não utilize ironias, sarcasmos, porque os estudantes com TEA não percebem o significado de piadas ou anedotas (interpretação integral da mensagem)
- Não demonstre surpresa ou fique assustado com alguma atitude estranha ou bizarra.
- Procure criar um ambiente de calma e tranquilidade para que os níveis de ansiedade dos estudantes com TEA não aumentem
- Não improvise ou faça surpresas, porque os estudantes com TEA não as percebem, sentem que lhe “puxaram o tapete”, o que pode desencadear uma crise de angústia
- Incentive os estudantes com TEA para que possam realizar suas atividades até concluí-las e, especialmente, tentar compreender a melhor maneira de ajudá-los



7. ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO - AH/S

Pessoas com AH/S são dotadas de habilidades relevantes em níveis significativamente acima daqueles das pessoas em geral. “O comportamento superdotado consiste na interação entre os três grupamentos básicos dos traços humanos: habilidades gerais e/ou específicas acima da média, elevados níveis de comprometimento com a tarefa e elevados níveis de criatividade”(REZZULLI, 1986, p.11 e 12).

Habilidade acima da média - referem-se aos comportamentos observados, relatados ou demonstrados que confirmariam a expressão de traços consistentemente superiores em qualquer campo do saber ou do fazer. Assim, tais traços apareceriam com frequência e duração no repertório de uma pessoa, de tal forma que seriam percebidos em repetidas situações e mantidos ao longo de períodos de tempo.

Criatividade – relativa aos comportamentos visíveis por intermédio da demonstração de traços criativos no fazer e no pensar, expressos em diferentes linguagens, tais como: falada, gestual, plástica, teatral, matemática, musical, filosóficas, entre outras.

Envolvimento com a tarefa - relaciona-se aos comportamentos observáveis por meio de expressivo nível de interesse, motivação e empenho pessoal nas tarefas que realiza. Esse aspecto inclui uma série de traços, como perseverança, dedicação, esforço, autoconfiança e uma crença na sua própria habilidade de desenvolver um trabalho importante.



Orientações

- Inclua no currículo regular programas de ensino do pensamento produtivo e criativo.
- Promova projetos independentes individuais e em pequenos grupos.
- Desenvolva atividades de exploração em diferentes áreas do conhecimento.
- Organize atividades baseadas nos interesses dos estudantes.
- Resolva problemas reais e antecipe problemas futuros.
- Implemente oficina de invenções.
- Realize concursos de ciências, letras, artes visuais e plásticas.
- Ofereça aulas de música, interpretação ou artes visuais.
- Promova colóquios com especialistas.
- Desenvolva estudos aprofundados sobre temas específicos.
- Realize adaptações curriculares.
- Desenvolva com o estudante projetos de investigação.
- Incentive a participação do estudante em programas extracurriculares.





CARTILHA

Orientações para professores em relação aos estudantes com necessidades educacionais específicas

Elaboração Técnica

Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (Napne) do campus Macapá

Adriana Barbosa Ribeiro

Adriana do Socorro Tavares da Silva

Leslie Geovana Silva Santos

Luciana Carlena Correia Velasco Guimarães

Graça Auxiliadora Nobre Lopes

Márcia Cristina da Conceição Santos

Revisão e Edição

Assessoria de Comunicação

Suely Leitão da Conceição

Projeto Gráfico e Diagramação

Mayra Barros

Tiragem

2.000

Impressão

Cidade Indústria Gráfica

Contatos Napne/Campus Macapá

Telefone

(96) 3198-3150 / ramal 2072

E-mail

napne_macapa@ifap.edu.br

www.ifap.edu.br
@ifap_oficial
f/institutofederaldoamapa



INSTITUTO FEDERAL
Amapá